



I Um chamado na escuridão

II Quem sou eu?

III Predador

IV A origem das espécies

Epílogo

Autora

Créditos

I Um chamado na escuridão

O cheiro de sangue me acordou. Era um cheiro incrivelmente intenso, como se eu não o absorvesse apenas pelo nariz, mas pelo corpo inteiro. Como se passasse por um tubo de ressonância, o cheiro se ampliava e reverberava dentro de mim. Cenas estranhas flutuavam por minha mente: a luz fosca e amarela de postes enfileirados na névoa, água redemoinhando sob meus pés, um guarda-chuva vermelho-escuro rolando na rua molhada pela chuva, uma lona de construção balançando ao vento. Em algum lugar, um homem com dicção arrastada cantava uma música: *Uma mulher anda na chuva, uma mulher inesquecível.*

Não demorei muito para entender o que estava acontecendo — e o que estava prestes a acontecer. Nada disso era realidade, tampouco resquício de um sonho. Era um sinal que meu corpo enviava ao cérebro. Não se mexa e fique deitado. Esse é o preço que você paga por não tomar seus remédios.

“Não tomar os remédios” era a chuva refrescante que eu mesmo derramava no deserto de minha vida. Às vezes, o preço da chuva era a tempestade da convulsão. As perturbadoras alucinações que eu experimentava naquele momento eram um alerta de que a tempestade estava próxima. Contra aquela tempestade, não havia porto seguro. Nada podia ser feito, além de aguardar sua chegada. A julgar por minhas experiências anteriores, eu não me lembraria de coisa alguma após o fim da crise. Permaneceria num sono longo e profundo, até a consciência voltar por contra própria. A tempestade seria simples, intensa, e me deixaria exausto como se eu tivesse realizado um trabalho físico extremo. Eu merecia isso; sabia onde estava me metendo quando escolhi esse caminho. Era uma espécie de vício: eu continuava fazendo a mesma coisa, mesmo

sabendo os riscos envolvidos. A maioria dos viciados usa drogas para despertar sua fantasia. No meu caso, era o contrário: para atingir um patamar de realidade mais intensa, eu precisava *parar* de tomar minhas drogas. Era então que começavam as horas mágicas: a enxaqueca e os zumbidos nos ouvidos desapareciam, e todos os sentidos despertavam. Meu olfato ficava agudo como o de um cachorro, a cabeça funcionava mais rápido que nunca, e eu decifrava o mundo por meio do instinto, em vez da razão. Eu me sentia uma criatura poderosa e superior, em pleno domínio de minha própria vida.

No entanto, ainda restavam algumas insatisfações. Jamais me sentia superior a minha mãe e minha tia. Essas duas mulheres me tratavam como uma almofada de poltrona: sentavam-se em cima da minha vida e a esmagavam. Eu sabia muito bem o que minha mãe faria se me visse tendo convulsões. Assim que eu acordasse, mamãe me arrastaria para o consultório da titia, a renomada psiquiatra, diretora da Clínica Pediátrica do Futuro. Com um sorriso gentil, minha tia iria me olhar nos olhos, fazendo perguntas persistentes, até ouvir uma resposta que fizesse sentido. *Por que interrompeu a medicação? Diga a verdade. Eu só posso ajudá-lo se você for honesto.* Francamente, ser “honesto” não é meu forte, nem pretendo que seja. Prefiro ser prático, portanto minha resposta seria esta: *Um dia eu me esqueci de tomar o remédio, no dia seguinte esqueci que tinha esquecido, então dá na mesma dizer que esqueci todos os dias até este exato instante.* A titia declararia que eu estava descambando por uma trilha perigosa, e minha mãe me obrigaria a tomar o remédio após cada refeição, sob seu escrutínio. Assim, as duas tratariam de me lembrar qual é o preço a pagar por alguns dias mágicos: deixariam claro que, se eu não me comportasse direito, seria eternamente vigiado por elas.

“Yu-jin!”

De repente, lembrei-me da voz de minha mãe. Eu a escutara antes de acordar. Era calma como vento que passa num sonho, mas firme como quem pega pelo pulso. Acordado, eu já não sentia a presença dela. Tampouco escutava seus movimentos no

andar de baixo. Tudo estava silencioso. Uma ensurdecadora imobilidade. Estava escuro no quarto; talvez ainda fosse madrugada. Quem sabe mamãe ainda estivesse dormindo; ela acordava sempre às 5h30. Nesse caso, eu poderia ter minha anunciada convulsão sem que a mamãe ficasse sabendo — assim como acontecera na noite passada.

Eu lembro que foi mais ou menos à meia-noite. Estava ofegando na passarela do quebra-mar, voltando de uma corrida ao Observatório da Via Láctea na Marina de Gun-do. Costumava correr quando sentia os músculos estalando de energia. Havia apelidado aquela sensação de “síndrome do corpo agitado”. Muitas vezes eu saía para correr no meio da noite. Não seria força de barra classificar a situação como uma forma de loucura.

Como de hábito a essa hora da noite, as ruas junto ao quebra-mar estavam completamente desertas. O quiosque do Yong, que vendia panquecas doces, estava fechado. A balsa encontrava-se envolta na escuridão, e uma densa neblina engolia a avenida de seis faixas. Do mar, soprava uma ventania invernal, áspera e severa, misturada a um pouco de chuva. A maioria das pessoas acharia aquele clima péssimo, mas meu corpo estava tão leve que parecia flutuar. Meu humor estava ótimo. Podia ir voando para casa. Tudo seria perfeito, não fosse pelo cheiro de sangue que temperava o vento, um cheiro ferroso e adocicado, sugerindo uma iminente crise epiléptica. Uma moça desceu do último ônibus com destino a An-san e veio em minha direção. Andava com passos de pinguim, curtos e rápidos, com o guarda-chuva aberto, a favor do vento. Eu teria mesmo de voar para casa. Não queria que uma desconhecida me visse rolando no chão feito lula na chapa.

Depois disso, tudo se apagou. Devo ter me atirado na cama, sem tirar as roupas, assim que entrei no quarto. Depois, provavelmente caí num sono profundo. Antes disso, já tivera duas convulsões; mas esta era a primeira vez que uma nova crise se anunciava logo após a outra. E aquele cheiro fortíssimo me garantia que algo inusitado se aproximava: a pele pinicava, o

nariz latejava, minha mente estava nublada, como se eu estivesse cercado pela fumaça de um canhão. Tudo indicava que o próximo episódio seria o mais intenso de todos.

A severidade da crise, por si só, não me assustava. Se for para se molhar, tanto faz andar na garoa quanto na chuvarada. Mas, se a convulsão ia acontecer de qualquer forma, queria que fosse logo, para que tudo terminasse antes de mamãe acordar.

Fechei os olhos e aguardei. Era possível que a convulsão viesse acompanhada de dispneia, por isso ajeitei a cabeça de lado. Relaxei o corpo e respirei fundo. Comecei a contar mentalmente, com pena de meu próprio corpo, que em breve iria sacolejar e se contorcer. Um, dois... Quando contei cinco, o telefone sem fio começou a tocar sobre o criado-mudo. O susto interrompeu minhas preparações. Tive uma contração ao perceber que o telefone também estaria tocando na sala do primeiro andar. Ou seja: minha mãe de certo também estava acordando, agora mesmo. Senti raiva. Que tipo de idiota telefona assim no meio da noite?

O telefone parou de tocar. Em seguida, o relógio da sala ressoou — apenas uma vez. Não, não podia ser só uma da madrugada. Além de dar as horas, o relógio batia de trinta em trinta minutos. Estiquei o braço para o despertador, que ficava ao lado da cama: eram 5h30. Eu tinha costume de acordar cedo desde os tempos em que era nadador. Sempre acordava uma hora antes do treino, independentemente do horário em que fosse dormir. Àquela hora, mamãe devia estar sentada junto à escrivaninha, no quarto, rezando suas três ave-marias à estátua da Virgem.

Depois das preces, mamãe sempre ia tomar banho. Prestei atenção nos barulhos do andar de baixo, tentando captar um arrastar de cadeira ou um rumor de água correndo. Mas, de repente, tudo o que ouvia era um novo toque de telefone. Dessa vez, meu celular. Talvez a ligação para o telefone fixo também fosse para mim.

Ergui a mão por cima da cabeça e a enfiei sob o travesseiro, procurando o celular. Não o achei. Onde estaria? Na

escrivaninha, no banheiro? Antes que pudesse achá-lo, o celular ficou em silêncio. Depois de um tempo, o telefone fixo começou a tocar de novo. Levantei abruptamente a cabeça quase dando um salto e peguei o fone do gancho.

“Alô?”

“Estava dormindo ainda?”, perguntou uma voz familiar.

Era Hae-jin. Tinha que ser. Quem mais iria me telefonar àquela hora? Por outro lado, era meio estranho que me ligasse: afinal de contas, meu irmão dormia no quarto ao lado.

“Sim, estou acordado”, respondi.

“O que a mamãe está fazendo?”

Que pergunta esquisita. Será que não havia retornado de seu encontro com o pessoal do estúdio? Resolvi conferir.

“Você não está em casa agora?”

“Como assim? Por que eu ligaria se estivesse em casa? Estou em Sang-am-dong.” O diretor de *Aula de reforço*, com quem Hae-jin tinha trabalhado um verão atrás, havia lhe arranjado um serviço novo, ele me disse. Para comemorar a assinatura do contrato, foram a um bar beber *makgeolli*, depois foram ao estúdio de um amigo para editar o vídeo de um aniversário de sessenta anos, e acabaram dormindo por lá.

“Acabei de acordar e vi que mamãe tinha me telefonado no meio da noite. Achei estranho, porque ela deveria estar dormindo.” Além disso, achava que, a esta hora, já estaríamos acordados; como ninguém atendeu, ficou preocupado.

“Está tudo bem aí em casa, certo?”

De repente, ergui a mão diante dos olhos. Senti uma crosta seca, dura e arenosa cobrindo meus dedos, meu nariz, os olhos e a boca. “Por que não estaria?”, respondi, sem prestar atenção em minhas próprias palavras, apalpando os cabelos, que pareciam emaranhados e endurecidos.

“Então por que ela não atende o telefone? Não atendeu o celular nem o fixo.”

“Deve estar rezando. Ou então está no banheiro ou na sacada. Talvez não tenha escutado.” Tateei o peito, a barriga e as pernas. As roupas eram as mesmas que usara na noite anterior, mas a

textura estava completamente diferente. O suéter, geralmente leve e macio, estava rígido como um pano que tomou sol demais. A calça estava dura como couro cru. Levantei os pés e toquei uma das meias. Também estava rígida e massuda.

“O.k., então está tudo bem? Não aconteceu nada, mesmo?”, Hae-jin insistiu.

Grunhi alguma coisa, irritado. O que poderia ter acontecido aqui em casa? O único problema era essa camada de lama seca cobrindo meu corpo.

“Se está assim tão preocupado, ligue de novo mais tarde.”

“Não, daqui a pouco eu volto para casa mesmo.”

“Vai vir agora?”, perguntei, mas estava pensando em outra coisa. Como é que fiquei todo sujo de terra durante a noite? Será que caí no chão ao voltar para casa? Eu não conseguia lembrar. Mesmo que tivesse caído, as ruas não estavam assim tão enlameadas. Será que tomara o caminho mais longo, atravessando os canteiros de obras, por dentro da cidade? Ou será que havia pulado o muro de um canteiro?

“Vou tomar banho agora. Volto para casa antes das nove horas.”

Hae-jin desligou. Sentei na cama, coloquei o fone no gancho sobre o criado-mudo e apanhei o controle remoto da iluminação elétrica. A luz branca da lâmpada LED explodiu acima da minha cabeça e, no mesmo instante, um grito explodiu em meus ouvidos.

“Yu-jin!” Era a voz de minha mãe.

Olhei ao meu redor, e a respiração entalou na garganta. Engasguei-me com saliva e tive um acesso de tosse. Bati no peito, lacrimejando, e caí de bruços na cama.

Na época em que era atleta, logo depois de ganhar a medalha de ouro em mil e quinhentos metros numa competição de natação, um repórter de jornal me perguntou: “Qual é o seu ponto forte?”. Respondi modestamente, como minha mãe ensinara: disse que minha maior força era a respiração relativamente estável. O repórter fez a mesma pergunta ao técnico, que foi um pouco menos modesto na resposta. “Ele tem

a mais extraordinária capacidade pulmonar entre todos os rapazes que treinei até hoje.” Poucas coisas no mundo poderiam bloquear minha extraordinária capacidade pulmonar; uma delas era a combinação entre duas mulheres que me usavam como almofada para sentar. Apenas um torpedo lançado contra minha garganta poderia fazer com que eu me engasgasse, e foi isso que aconteceu quando olhei ao redor naquele instante.

Marcas e pegadas de sangue estavam espalhadas pelo piso de mármore cor de prata. Começavam na porta do quarto e terminavam ao pé da cama. A menos que o dono das pegadas tenha andado em marcha a ré, o evento sangrento ocorrera fora de meu quarto. Minha cama também estava encharcada de sangue. Lençol, cobertor, travesseiro. Tudo vermelho. Só então olhei para meu corpo. Camadas de sangue coagulado cobriam o suéter preto, a calça de exercícios e até as meias. O cheiro de sangue que me acordou não era o prenúncio de uma crise; era sangue de verdade mesmo.

Fiquei perplexo. Aquelas pegadas eram minhas? O que acontecera no lado de fora da porta? Por que eu estava ensanguentado? Será que tive convulsão? A convulsão foi tão forte que mordi a língua? Será possível uma mordida na língua ensanguentar todo o corpo? Nesse caso, contudo, eu deveria estar morto. Era mais verossímil imaginar que alguém me jogara um balde de sangue de porco enquanto estava convulsionando. Ou então levei uma facada. Mas não havia sinal de ferimento em meu corpo.

Onde estava minha mãe quando tudo isso aconteceu? A chance de termos cruzado um com o outro nos corredores era quase nula. Mamãe é uma pessoa metódica, cheia de regras para comer, fazer exercícios e até ir ao banheiro. Suas horas de sono também eram rigorosamente reguladas. Exceto em casos especiais, dormia às nove da noite, após tomar o comprimido receitado por minha tia. Até esse horário, eu tinha de voltar para casa. As únicas ocasiões em que mamãe alterava sua rotina noturna eram quando eu chegava atrasado.

Essa regra, contudo, não se aplicava a Hae-jin. Para justificar

essa discriminação, mamãe alegava que Hae-jin não corria risco de sofrer convulsões no meio da rua. Era injusto, mas não me restava opção além de aceitar. Afinal de contas, eu não queria cair no chão na frente das pessoas, ou tombar nos trilhos enquanto aguardava o metrô, ou desabar no asfalto e ser atropelado por um ônibus. Era o toque de recolher que me obrigava a escapular ocasionalmente no meio da noite, esgueirando-me pela porta de metal do terraço e correndo pelas ruas, como alguém sequioso de escuridão.

Foi o que ocorreu ontem à noite. Cheguei em casa às 20h55, após sair apressadamente de uma festinha com os professores. Raramente bebo, mas naquela noite tomei três ou quatro copos de *soju* com cerveja. Para esfriar o rosto avermelhado, fui a pé da plataforma de ônibus até em casa, sob a chuva. O calor se dissipou, mas continuei me sentindo meio alegre. Talvez estivesse um pouco mais que alegre. Acabei esquecendo que tinha uma trava eletrônica, e que para abri-la era preciso digitar um código seguido de um asterisco. Isso levou a um duelo insolúvel entre mim e a porta de casa por cerca de vinte minutos. Depois enfiei as mãos nos bolsos e fiquei olhando a porta com raiva. Nesse intervalo, o celular apitou umas quatro, cinco vezes no bolso do casaco. Sabia que era minha mãe enviando torpedos. Mesmo sem lê-las, eu podia imaginar o que as mensagens diziam.

“Está vindo?”

“Em que parte da cidade está agora?”

“Quando vai chegar?”

“Está chovendo. Não volte a pé. Eu vou te buscar no terminal de ônibus.”

Cinco segundos após a última mensagem, a porta de casa se abriu. Mamãe, que se veste com elegância até para ir ao supermercado, estava muito estilosa com seu boné de beisebol, suéter branco, cardigã marrom, jeans skinny e tênis branco. Trazia a chave do carro na mão. Franzi os lábios e fiquei olhando a ponta dos meus pés, irritado. “Me deixe em paz”, eu queria gritar na cara dela. “Quando chegou?” Mamãe manteve a porta

semiaberta com um peso e ficou parada no vão. Não tinha a menor intenção de me deixar em paz.

Sem tirar as mãos dos bolsos, espiei o relógio em meu pulso. 21h15.

“Eu cheguei agora há pouco. Mas...”, comecei a falar, e me detive, percebendo que acabaria piorando as coisas. Um abismo se abria sob meus pés.

Minha cabeça estava pesada como barril cheio de bebida. O rosto estava vermelho. Devia estar parecendo um tomate maduro. Continuei olhando fixo para a frente, na esperança de que ela não notasse meu estado. Muito devagar, fui girando os olhos para a direção de mamãe. Quando nossos olhares se encontraram, continuei, atrapalhado:

“Não consegui entrar. A porta não queria abrir.”

Mamãe olhou de relance a trava da porta. Teclou a senha de sete dígitos com rapidez estonteante. A trava se abriu com um bipe. Mamãe olhou para mim outra vez. Qual era o problema?

“É que...” Balancei a cabeça, tentando sinalizar que, sim, eu havia entendido que a porta não estava estragada. Meu cabelo gotejava. Um pingo escorreu pelo meio da testa e ficou pendurado na ponta do nariz. Comecei a assoprar, tentando derrubar a gotinha, e levei um tempo para perceber que mamãe tinha os olhos cravados na pequena cicatriz no meio de minha testa — como se aquela fosse a fonte de todas as minhas mentiras.

“Você bebeu?”

Era uma pergunta embaraçosa. De acordo com minha tia, álcool aumenta o risco de convulsão. Por isso, eu estava proibido de beber: essa era a maior de todas as regras impostas por minha mãe.

“Só um pouco. Bem pouquinho mesmo.”

Aproximei o polegar e o mindinho, deixando só um centímetro entre os dois. Mas o olhar de mamãe não se suavizou. A cicatriz em minha testa latejava como se um pássaro me bicasse. Tentei melhorar um pouco a situação, acrescentando:

“Só um copo de cerveja.”

Mamãe pestanejou. “Ah, é mesmo?”

“Eu não ia beber nada, mas o professor me ofereceu um drinque e...”

Parei de falar, com raiva. Aos vinte e cinco anos, estava levando bronca por ter bebido! Tudo por causa daquela porcaria de porta. Se meu plano original tivesse funcionado, eu entraria de fininho, subiria ao segundo andar e diria “cheguei”, ao passar pelo quarto da mamãe. Não teria rompido o toque de recolher, mamãe não teria vindo me atormentar, tampouco teria notado que bebi. Minhas pernas fraquejaram e o joelho esquerdo se dobrou de repente. Soçobrei.

“Yu-jin!”, mamãe gritou desesperada, agarrando meu cotovelo.

Balancei a cabeça. *Estou bem. Não estou bêbado. Juro que só bebi um copo.*

“Vamos entrar e conversar.”

Eu queria entrar, mas não conversar. Empurrei a mão dela, fazendo com que largasse meu cotovelo. Então, foi a vez de o joelho direito se dobrar. Meu corpo adernou para o lado de mamãe. Fui obrigado a me segurar nos ombros dela. O ar sibilou nas narinas de minha mãe; seu corpo pequeno e magro se enrijeceu. Talvez estivesse surpresa, ou comovida, ou simplesmente achasse estranho que eu a tocasse. Coloquei ainda mais força nos braços. *Não vamos conversar coisa nenhuma. De que adianta? Eu já bebi mesmo, e não há nada que possa fazer a respeito.*

“Qual é o seu problema?”, mamãe disse, desvencilhando-se de meus braços e recuperando a calma habitual.

Meus braços ficaram suspensos no ar por um instante, depois entrei em casa, me sentindo ridículo.

“Aconteceu alguma coisa?”, perguntou mamãe enquanto eu tirava os sapatos.

Balancei a cabeça, sem me dar ao trabalho de olhá-la. Atravessando a sala, me limitei a fazer um aceno com o queixo empinado:

“Boa noite.”

Ela não tentou me deter. “Quer que eu suba com você?”.

Fiz que não e comecei a subir as escadas, nem muito rápido nem muito devagar.

Lembro que tirei as roupas assim que entrei no quarto, depois deitei na cama, sem tomar banho. Ouvi mamãe entrando no quarto ao lado e fechando a porta. Assim que ouvi o estalo da fechadura, a bebedeira se dissipou. Depois disso, acho que passei um tempo olhando para o teto, sem fazer nada. Uns quarenta minutos depois, comecei a me sentir inquieto e escapuli pela porta do terraço.

Acabei de acordar e vi que mamãe tinha me telefonado no meio da noite. Achei estranho, porque ela deveria estar dormindo. Isso é o que Hae-jin me dissera ao telefone. Na hora, não achei nada de estranho, mas agora, pensando bem... Por que diabos mamãe havia telefonado para ele? Por causa do meu comportamento estranho? Ou teria percebido que saí pelo terraço? A que horas ela telefonou? Onze? Meia-noite? Se continuou acordada após telefonar, será que notou quando voltei?

Não. Se tivesse me ouvido chegar pela segunda vez, mamãe não me teria deixado em paz. Teria me encurralado num canto e faria um interrogatório — da mesma maneira que me obrigava a confessar as mínimas transgressões, quando eu era pequeno. Não me deixaria dormir, até que eu contasse tudo. *Onde andava a essa hora? Quando saiu? Quantas vezes já saiu escondido?* Fazia tempo que não me colocava de castigo, mas talvez até revivesse a antiga punição: ficar de joelhos em frente à estátua da Virgem, recitando ave-marias. Se me encontrasse encharcado de sangue, o castigo não pararia na reza. O fato de eu ter acordado em meu próprio quarto era sinal de que mamãe não me vira nesse estado.

Desci da cama. Precisava sair do quarto e descobrir o que estava acontecendo. Fui até a porta, andando bem devagar, com cuidado para não pisar nas pegadas de sangue. Parei em frente à escrivaninha. Atrás da mesa, nas vidraças do pátio, vi um homem estranho, cabelo empinado feito chifres de bode, o rosto vermelho como se estivesse sem pele, o branco dos olhos brilhando nervosamente. Senti uma tontura. Aquela criatura

vermelha era eu?

Não dava para enxergar nada do lado de fora: a névoa do mar formava uma cortina espessa. A única coisa visível era uma luzinha amarela: a iluminação da pérgula, que a mamãe instalou ao construir o jardim suspenso. De certo, eu mesmo acendera a luz ao escapular pela porta do terraço. Devia tê-la desligado ao voltar.

Notei que a porta de vidro estava entreaberta — só uma frestinha, mas era estranho mesmo assim. A porta se tranca automaticamente ao ser fechada; por isso, sempre que eu escapulia pelo terraço, tinha de deixá-la meio aberta. Mas eu deveria tê-la fechado ao voltar. Por mais bêbado que estivesse, não teria motivo algum para abri-la novamente: era inverno, meu quarto fica no topo de um duplex, no décimo andar de um prédio, numa cidade à beira do mar. Eu não teria motivo algum para querer esfriar o quarto — a menos que eu fosse minha mãe, que está na menopausa.

Só havia uma resposta possível. Eu não tinha voltado por aquela porta. A julgar pela direção das pegadas, a vidraça entreaberta e a luz acesa na pérgula, eu havia entrado pela porta da frente. Mas por que eu faria isso? Por que me encontrava nesse estado? O que significava essa confusão no meu quarto?

Olhei para o relógio sobre a escrivaninha. Três números vermelhos brilhavam no painel preto. 5h45. Não se ouvia barulho de água, mas mamãe talvez estivesse ainda no banho. Em dez minutos, deveria sair do quarto principal e ir para a cozinha. Antes que ela emergisse, eu precisava descobrir o que estava acontecendo.

Abri a porta e saí para o corredor. Liguei a luz. As marcas de sangue se estendiam sobre o assoalho, da porta do meu quarto até a escada. Apoiei-me na porta. Meu lado otimista sussurrava, tentando soar convincente: *Você está sonhando. Ainda não acordou. Uma coisa dessas não poderia acontecer na vida real.*

Com receio crescente, me afastei da porta. Comecei a seguir as pegadas, relutante, como se alguém estivesse me puxando pelo pescoço. Quando pisei no degrau da escada escura, a

lâmpada com sensor acima da minha cabeça despejou luz. Marcas de mãos sangrentas cobriam o corrimão; havia pegadas e pingos vermelhos em todos os degraus. Atônito, fiquei olhando as paredes ensanguentadas e a poça no patamar da escada.

Voltei a olhar para minhas próprias mãos, o suéter, a calça, as meias: tudo vermelho. Então, algo havia acontecido no patamar da escada? Alguém despejara um balde de sangue em cima de mim? Quem? Comecei a entrar em pânico, incapaz de pensar com clareza.

Desci a escada com passos tortos. Passei pela poça de sangue e dobrei no segundo lance de degraus. Quando olhei lá para baixo, o ar escapou subitamente de meus pulmões, e tive de fechar os olhos. Minha mente sugeriu uma alternativa tentadora. *Não está acontecendo nada de errado. Volte para o quarto e durma de novo. Ao acordar, vai descobrir que tudo está normal.*

Meu lado realista, contudo, discordou. *Não, você não pode ignorar o que está vendo. Precisa descobrir se isto é mesmo um sonho. Se não for, você tem que desvendar o que aconteceu lá embaixo e por que você acordou desse jeito. Se tudo não passa de um sonho, pode voltar a dormir depois.*

Abri os olhos. A luz estava acesa no andar de baixo. Junto à divisória entre a escada e a cozinha, havia mais uma poça de sangue. Dentro da poça, um par de pés descalços alinhados, os calcanhares no piso de mármore, os dedos apontando para o teto. A parede bloqueava minha visão e os pés pareciam avulsos — como se alguém os houvesse deixado ali, feito uma estranha escultura.

De quem eram esses pés? De um boneco? De um fantasma? Ficar olhando aqui de cima não resolveria o problema. Tinha que olhar de perto.

Engoli em seco e continuei descendo. Havia sangue em todos os degraus. Além disso, córregos vermelhos tinham escorrido do patamar da escada para o chão da sala. Quando cheguei ao último degrau, tudo o que conseguia notar era a evidência física, inegável, daquele par de pés. Eram pés estreitos, de articulações avermelhadas, com um talismã pendurado na tornozeleira. Meu

estômago deu um pulo e comecei a soluçar. Queria voltar para o meu quarto.

Eu me forcei a seguir em frente. Hesitante, virei para a direita, em direção à entrada da casa. O sangue formava um pântano retangular entre a escada e a porta da cozinha. No meio, estava deitada uma mulher, o corpo reto, os pés voltados para a escada, e a cabeça para a porta da frente. Usava uma camisola branca folgada. As pernas estavam esticadas, com as duas mãos juntas no peito, as longas mechas de cabelo cobrindo o rosto. Parecia uma alucinação produzida pela mente de um louco.

Dei um passo, depois outro, e parei à altura de seu cotovelo. Sua cabeça fora erguida com força, e o pescoço estava cortado logo abaixo do queixo, de orelha a orelha. O talho parecia feito num único golpe, por alguém forte, com uma faca afiadíssima. No interior da ferida, a carne era vermelha como brânquias de peixe: por um momento, pareceu palpitar. Pupilas negras me fitavam por baixo dos cabelos em desalinho. Eram olhos como garras, me aferrando, ordenando que me aproximasse. Obedeci. Dobrei as pernas endurecidas, me agachei ao lado dela, estiquei a mão trêmula. Sentindo que cometia um crime, afastei o cabelo que lhe cobria o rosto.

“Yu-jin!”

Era a voz de minha mãe, novamente, a mesma voz que eu escutara no sonho. Dessa vez, soava fraca e distante. Eu não conseguia mais respirar. Um estrondo sacudiu minha cabeça, como trens em colisão. Minha visão se dissipava, como se eu estivesse debaixo d’água. Minhas costas se encurvaram e meus pés escorregaram na poça de sangue. Caí sentado no chão, apoiando as mãos no assoalho para arrefecer o impacto.

Os olhos dela estavam esbugalhados, como os de um gato assustado. Gotas de sangue pendiam como lágrimas dos cílios escuros. Tinha o rosto magro, o queixo aguçado, os lábios abertos em círculo. Era a mesma mulher que perdera o marido e o filho mais velho naquela ilha, dezesseis anos atrás, e que desde então vivera grudada em mim, e em mais nada. A mulher que me deu metade do seu código genético. Minha mãe.

Tudo ficou escuro. Senti náuseas. Não conseguia me mexer nem respirar. Meus pulmões pareciam cheios de areia quente. Não me restava nada além de ficar ali sentado, esperando que minha mente emergisse das trevas. Queria me convencer de que tudo era um sonho. Queria que meu relógio interno soasse o alarme e me arrancasse desse pesadelo.

O tempo passava devagar. A casa estava terrivelmente silenciosa. O carrilhão começou a badalar. Meia hora se passara desde que eu havia acordado. Num dia normal, a essa hora, mamãe estaria terminando de preparar meu café da manhã, e em breve subiria as escadas levando uma tigela com leite, nozes, pinhão e banana. Eram seis horas.

O relógio parou de tocar, mas minha mãe continuava deitada na frente dos meus joelhos. Então eu não estava sonhando? Será que minha mãe havia me chamado de verdade, ontem à noite? Pedindo socorro, implorando que a salvasse?

Meus joelhos tremiam. Senti um peso na barriga, uma dor abaixo do umbigo, como se alguém me espetasse com agulhas. Minha bexiga ficou inchada e dura, como se fosse rasgar a pele. Senti uma vontade insuportável de fazer xixi. Era a mesma sensação que eu experimentava naqueles sonhos de infância, em que um trem vinha velozmente em direção a meu corpo paralisado. Sentei em cima das próprias pernas e abracei os joelhos. Um suor frio escorria pelas minhas costas.

Um suor frio escorria pelas minhas costas. Estava me sentindo um idiota. O cobertor e o lençol estavam encharcados, o pijama grudava nas costas e na bunda. O cheiro de urina pulsava no ar. Eu havia cometido o mesmo erro três noites seguidas. Mamãe ia me dar uma bronca. *Você é um bebê, por acaso, fazendo xixi na cama?* Talvez chamasse meu irmão e nos interrogasse juntos. *Contem a verdade. Aonde vocês foram depois da escola? O que aconteceu?*

Eu e meu irmão mais velho, Yu-min, estávamos cursando a

primeira série em uma escola particular, perto de Sinchon. Mamãe nos levava ao colégio todas as manhãs antes de ir para o serviço — ela trabalhava em uma editora de livros ali perto, atrás da Universidade Yonsei. Depois das aulas, nós íamos para uma escola de artes, que também ficava nas redondezas e funcionava para nós como uma espécie de creche. Como ficava perto do colégio, sempre íamos a pé. Em geral, a gente se distraía pelo caminho: passeávamos, comprávamos um lanche. Mamãe sempre ficava preocupada com essas andanças. “Não cheguem perto dos trilhos”, ela insistia. “Andem sempre pelas ruas grandes.”

“Tudo bem”, a gente respondia — mas não obedecíamos. De vez em quando — para falar a verdade, com bastante frequência —, passeávamos sobre o velho trilho da linha Gyung-ui, com ervas daninhas até o tornozelo. E, lógico, nós não nos limitávamos a passear. Inventávamos todo tipo de brincadeira e competição. Brincávamos de Espantalho, por exemplo — um joguinho em que a gente tinha de andar na ponta dos pés pelos trilhos, olhando para o céu de braços abertos e a cabeça inclinada para trás. Ou então competíamos para ver quem conseguia sobrevoar mais dormentes num único salto. O nosso favorito era o jogo da Sobrevivência. Nossos duelos sempre acabavam em empate, porque tínhamos armas iguais: metralhadoras de brinquedo, escolhidas pela mamãe, que faziam ratatata quando a gente apertava o gatilho.

Três dias antes, no entanto, nossas mochilas estavam carregadas com um equipamento diferente: óculos de proteção e pistolas com munição de bolinhas plásticas, que papai havia comprado para nós numa viagem de trabalho aos Estados Unidos. Mamãe não gostou: disse que aqueles brinquedos eram perigosos. Mas nós adoramos. No fim das contas, mamãe acabou relevando: a munição de plástico nem sequer deixava marcas na pele; e ela era menos nervosa naquele tempo. No colégio, eu e meu irmão estávamos ansiosos para testar os novos brinquedos. Mal prestávamos atenção na aula. Só conseguíamos pensar na estação Sinchon.

Fomos correndo até lá assim que a aula acabou. Colocamos os óculos e enveredamos pelas trilhas que cortavam os terrenos baldios ao redor da estação, atirando sem parar. Nós nos esquecemos completamente de nossa mamãe e da escola de artes. Perdemos a noção do tempo. Quando a munição acabou, estávamos de frente um para o outro, num canto do campo aberto. A batalha, como sempre, acabara empatada, mas nenhum de nós queria aceitar o resultado. Concordamos em fazer um tira-teima em uma corrida até a estação Sinchon.

Contamos um, dois, três e eu disparei a toda velocidade. No início da corrida, eu estava um passo à frente de Yu-min, mas logo encontrávamo-nos lado a lado. Perto do fim, eu tinha ficado para trás. Quando alcancei os trilhos, ele já estava descendo a ladeira, do outro lado. Um trem vinha em nossa direção lá do horizonte. Mesmo sabendo que havia perdido, não desisti. Corri com todas as forças e saltei os trilhos. A mochila bateu com força no meu cotovelo e a pistola escorregou de minha mão suada. Estaquei, quase rolando no chão, e olhei para trás. A pistola jazia sobre o trilho. E o trem se aproximava, com rolos de vapor enroscando-se sobre a locomotiva. Minha pistola viraria pó. Não pensei duas vezes. Saí correndo em direção aos trilhos. A locomotiva estava tão próxima que dava para ver que era um trem de carga. Mas eu não podia desistir da pistola.

“Yu-jin!”

Meu irmão gritou alguma coisa, mas não ouvi direito. Ouvei buzina, mas não olhei para trás. Eu me atirei em direção aos trilhos, olhos na pistola. Rolei pela ladeira, do outro lado, com a arma na mão, sentindo uma ventania súbita e um estrondo enquanto o trem passava.

“Corre!”, ouvi Yu-min gritar.

Foi o que fiz — era melhor sair dali bem rápido, pois o maquinista podia parar o trem e vir atrás de nós, ou, pior ainda, algum funcionário da estação podia chamar a polícia. Estava eletrizado, esperando que a qualquer momento alguém me pegasse pela nuca.

Encontrei Yu-min na escola de artes. Eu tinha a calça rasgada,

o rosto cheio de terra, o cabelo espetado. O professor remendou minha calça e lavou meu rosto. É claro que não contamos a ninguém o que tinha realmente acontecido: dissemos que havíamos caído no pátio da escola, durante uma corrida.

O problema começou naquela noite. Assim que adormeci, eu me vi transportado ao terreno baldio junto aos trilhos. A cena se repetiu. Estendi a mão para a pistola enquanto o trem se aproximava. Então, senti uma pressão na bexiga. Quando abri os olhos, a cama e o pijama estavam encharcados. Na noite seguinte, a mesma coisa. Na terceira noite, tirei o pijama, que estava pingando de xixi, e joguei na cama. Nu, abraçando o travesseiro, fui ao quarto de Yu-min. Levantei o cobertor, de fininho, e me enfiei na cama. Ao deitar, senti o cheiro de grama no corpo dele. O miasma de urina desapareceu. Logo caí no sono novamente. Tive o mesmo sonho, mas dessa vez Yu-min aparecia e gritava pouco antes de eu saltar para os trilhos: “O trem! O trem está chegando!”.

Foi nessa época que comecei a dormir no quarto de meu irmão, e continuei dormindo lá até completar nove anos — quando meu irmão morreu.

Agora, tudo o que eu desejava era rastejar para a cama de Yu-min, como naquela época. Ele me ajudaria a acabar com este pesadelo. Eu só precisava deitar ao seu lado.

Ele morreu há muito tempo, disse uma voz em minha cabeça. Você tem que resolver isso sozinho.

O vento uivava lá fora e reverberava em meus ouvidos. O sangue pulsava atrás dos meus olhos. Engoli a saliva acumulada na boca. É isso mesmo. Yu-min estava morto. Apertei os joelhos e endireitei a coluna, para conter a vontade de urinar. Levantei a mão para tocar o rosto de mamãe, mas minha cabeça começou a girar e senti ânsia de vômito. Meus ombros estavam tão rijos que não conseguia mexer os cotovelos. A mão tremia no vazio. Meu corpo estava congelado. A distância entre meus dedos e o rosto dela parecia se estender ao infinito; um milhão de anos passariam antes que eu conseguisse tocá-la.

Não exagere, você não vai comer a carne dela, disse a voz em minha cabeça, irritada. *Só precisa verificar se ela está respirando ou não. Se o coração parou, se o corpo está frio. Estique logo essa mão e toque nela.*

Respirei fundo. Coloquei o dedo sob o nariz de mamãe e aguardei por um momento. Não senti nada que parecesse respiração. As bochechas dela, cobertas de sangue púrpura, estavam geladas. Parecia que estava tocando um punhado de argila meio seca. Pus a mão no meio do peito dela, depois nos lados direito e esquerdo. Ao longo dos doze pares de costelas, não encontrei sinal de pulsação cardíaca. Tampouco havia calor corporal. Parecia que mamãe estava realmente morta.

Curvei o corpo, devastado. O que é que eu esperava? Que ainda estivesse viva? Que tudo isso fosse um sonho? Só havia uma conclusão possível. Eu não estava sonhando. Eu estava no meio de uma cena de assassinato.

“Está tudo bem aí em casa, certo?”, ouvia a voz de Hae-jin dentro da memória. Se eu soubesse o que estava acontecendo, não teria saído da cama até Hae-jin voltar. Isso não mudaria o que aconteceu, é claro, mas, pelo menos, eu estaria na cama, e não sentado no piso, atordoado, em frente ao cadáver de minha mãe.

Levantei o rosto. Olhei o apartamento. Tudo parecia estranho. Perguntas ecoavam em minha cabeça. Quem fez isto? Quando? Por quê?

Alguém deve ter entrado em casa, furtivamente. Talvez fosse mesmo verdade que houvera vários casos de furto e assalto na cidade nova Gun-do. Parecia verossímil, sim. O único problema é que eu acabara de inventar esse boato.

Era verdade que as pessoas tinham começado a se mudar para a parte nova da cidade havia pouco tempo — metade das residências ainda estava vazia. Não havia comércio, e a infraestrutura ainda era pequena. Além disso, uma única delegacia de polícia atendia a dois distritos ao mesmo tempo. Faria sentido imaginar que ladrões de todos os tipos estivessem aproveitando a oportunidade. Algum invasor poderia ter entrado

pela porta do condomínio, esgueirando-se atrás de um morador. Os apartamentos do último andar seriam, então, alvos fáceis, graças à porta do terraço. Era bem possível que um ladrão, ou um grupo de ladrões, tivesse feito esse caminho para entrar em nossa casa.

Não teria sido muito difícil forçar a trava da porta do terraço. Aliás, eu mesmo saíra por aquela porta algumas horas atrás e tinha deixado o trinco aberto. Uma vez aqui dentro, teriam vasculhado a casa inteira. Mesmo tomando comprimidos, mamãe tem sono leve. Deve ter acordado com o barulho. Logo deve ter percebido que não era eu nem Hae-jin; a intuição dela era infalível. E se tivesse se levantado da cama nesse momento...

Teria aberto a porta, olhado para a sala? Teria ido até lá, perguntando “quem está aí”? Talvez tenha pegado o celular e ligado para mim. Mas não vi o pedido de ajuda, pois saí sem o celular. Em seguida, deve ter ligado para Hae-jin. Isso explicaria a ligação perdida que apareceu no telefone dele. De qualquer maneira, após vasculharem o resto da casa, os ladrões acabariam chegando ao quarto dela. O que ela faria? Teria fingido que estava adormecida? Talvez tenha se escondido num armário ou no banheiro? Ou então abriu a porta de vidro e fugiu para a sacada? Será que gritou por misericórdia? Ou foi correndo para a cozinha para pegar uma faca? Talvez os ladrões a tenham apanhado em frente ao balcão da cozinha; talvez ela tenha lutado contra eles. Seja como for, o certo é que a parte principal da história ocorreu junto à divisória entre a cozinha e a escada. A situação deve ter acabado em alguns minutos. Mamãe era forte, e o ladrão talvez não passasse de um bode velho — mas, mesmo assim, era uma mulher lutando contra um homem.

Nesse momento talvez eu tenha chegado em casa, naquele estado de confusão mental que antecede minhas convulsões. Sim, só pode ser isso: mamãe caiu no chão, gemendo por mim, e depois recordei de sua voz como algo saído de um sonho. Devo ter entrado correndo pela porta da frente. Mamãe já devia estar no chão. Nesse caso o invasor teria me atacado com a faca. Por um momento, me imaginei lutando com ele. Teria sido difícil

um homem sozinho me subjugar. Talvez eu o tenha segurado no patamar da escada, quando tentou fugir pelo terraço. O que será que aconteceu depois?

O problema é que eu não me lembrava de coisa alguma. Os fatos que acabava de reconstituir talvez não passassem de imaginação. Em minha cabeça, a noite passada era um campo vazio e escuro. Mas, pensando bem, a história que eu imaginara não era tão absurda assim. Talvez eu tivesse de fato dominado o invasor, para em seguida ter uma convulsão; se eu tivesse alcançado a cama, teria caído num sono profundo. E, ao acordar, teria esquecido o que aconteceu. Então, o que me restava fazer agora? Apenas uma coisa. Eu *tinha* que chamar as autoridades.

Rastejei de joelhos até a mesa da sala. Peguei o telefone. Para onde deveria ligar? Para os bombeiros? Para a polícia? Os dedos escorregavam. Números dançavam avulsos em minha cabeça. Apertei os botões com tanta força que a ligação foi imediatamente transferida para um atendente eletrônico. Quase gritei de desespero. Eu esfreguei as mãos na coxa e comecei de novo. Um botão de cada vez. Passo a passo. 1, 1, 2. Preparei de antemão as palavras em minha cabeça, para não balbuciar coisas sem sentido. Nesse instante, me empertiguei como se tivesse levado um choque. Lá estava ele, na vidraça da sacada: o mesmo homem que eu vira ao sair do quarto. Rosto todo vermelho, o branco dos olhos cintilando. O telefone começou a tocar e levei um susto. Olhei para mamãe. Imaginei a cena que a polícia encontraria ao chegar aqui: uma mulher com a garganta cortada e, ao seu lado, um rapaz todo ensanguentado e atônito.

“Polícia de Incheon. Em que posso ajudá...”

Desliguei. Como eu poderia explicar o que aconteceu? Diria que acordei em meu quarto, coberto de sangue, depois achei minha mãe morta, e pelas circunstâncias alguém havia invadido a casa — mas como explicar o sangue no meu quarto? Será que a polícia vai acreditar em mim? A voz em minha cabeça disse: *Daria na mesma dizer que ela cortou a própria garganta.*

Só havia um jeito de provar minha história: era preciso encontrar o ladrão, vivo ou morto. Se eu o tivesse ferido

gravemente durante a luta, então ainda deveria estar aqui em casa. Se acaso escapou e morreu durante a noite, seu corpo teria de estar nas redondezas. Isso explicaria quase tudo: por que acordei banhado em sangue, por que há uma poça na escada e outra na frente da cozinha, por que mamãe ligou para Hae-jin, e por que não lembro do que aconteceu depois da meia-noite.

Devolvi o telefone ao suporte. Meu coração pulava. Meus pensamentos se sucediam num frenesi. Um tremor percorria meu corpo. Meu sistema nervoso parecia prestes a entrar em ignição. Pensei em todos os lugares onde um bandido poderia se esconder aqui em casa. Lugares onde poderia se enfiar sem ser visto, mas enxergando o que acontecia do lado de fora. Pensei em uns dez esconderijos possíveis.

Com esforço, levantei. Respirando baixo e andando em silêncio, me aproximei da porta do quarto principal. Para me prevenir contra um possível ataque, girei a maçaneta, chutei a porta e entrei correndo. Então parei, confuso, ao lado da cama.

A peça estava impecavelmente arrumada. Não vi nada fora do lugar. Tampouco havia marcas de sangue, pegadas, vestígios de luta. A cortina estava fechada. A cama estava perfeitamente arrumada, como se ninguém houvesse deitado ali. Os travesseiros estavam dispostos com asseio contra a cabeceira, e o cobertor de algodão estava bem esticado. O relógio continuava sobre o criado-mudo. Como de hábito, havia uma fila de almofadinhas quadradas sobre o pufe. Tudo parecia em ordem, como se mamãe tivesse acabado de arrumar o quarto.

O único ponto do quarto onde havia um vago sinal de alteração era a escrivaninha. Havia uma caneta esferográfica solta junto à borda do tampo, e a cadeira de couro estava um pouco afastada, como se alguém a tivesse empurrado. No chão, um pequeno cobertor, ainda dobrado. Parecia ter caído do braço da cadeira.

Pulei em cima da cama e abri a cortina da sacada. Não havia ninguém atrás da cortina, nem do lado de fora. Abri os armários embutidos, um por um. No primeiro, havia travesseiros e almofadas. No segundo, lençóis e cobertores em tal quantidade

que seriam suficientes para dez grupos de alunos em uma excursão. No terceiro armário, várias caixas empilhadas. Abri o closet e acendi a luz. A cena era idêntica. O piso de mármore brilhava com uma limpeza opressiva, como uma pista de patinação. A mesa de maquiagem opressivamente arrumada, as roupas imaculadas na gaveta, ou penduradas nos cabides numa ordem enlouquecedora, separadas de acordo com a estação e protegidas por invólucros de plástico. Nem sinal do invasor. No banheiro, a mesma coisa. O assoalho estava seco, sem nenhuma mancha, e um cheiro de xampu pairava no ar.

Abri a porta seguinte, que dava para o escritório. Lá estavam os livros de mamãe e antigos pertences de meu pai. Tudo em ordem também. Segui em frente, atravessando a porta que dava para a sala, depois passei pela frente da escada e cheguei à cozinha. Estava quase toda limpa. Só havia sangue lá na ponta, onde jazia minha mãe. Mas se o assassinato acontecera aqui, deveria haver respingos de sangue na pia, no balcão, nas estantes, em outras partes do piso.

Vasculhei o resto do apartamento. A sacada, o lavabo, o quarto de Hae-jin. Tudo limpo. À porta do quarto, dei uma última olhada na cama de Hae-jin, na televisão, no armário, na escrivaninha e na cadeira, onde estavam penduradas uma calça esportiva e uma camiseta.

Exceto por questões de trabalho ou viagem, Hae-jin sempre dormia em casa. Mesmo que tivesse um encontro com o pessoal do estúdio, ou saísse para beber com os veteranos da escola, ou ficasse até tarde editando vídeos, sempre voltava para casa — embora mamãe não o proibisse de passar a noite fora. No entanto, precisamente na noite passada, ele não havia voltado. Além disso, me telefonou exatamente em meu horário de acordar, perguntando se estava tudo bem. Era como se soubesse que algo havia acontecido. Ou como se quisesse me atrair para o andar de baixo.

Em instantes, um roteiro surgiu em minha cabeça. Hae-jin volta para casa algum tempo após eu cair no sono, depois de uma convulsão. Por algum motivo misterioso, ataca mamãe. Ela tenta

fugir, mas não consegue e é assassinada. Para jogar a culpa em mim, ele vai ao segundo andar, deixa pegadas de propósito, e joga sangue no meu corpo. Depois vai embora tranquilamente.

Afugentei de imediato esse pensamento, ao mesmo tempo que fechava a porta do quarto. Isso era uma loucura. Eu conhecia Hae-jin. Vivíamos fazia dez anos no mesmo apartamento. Seria mais fácil mamãe matá-lo do que ser morta por ele. O maior ato de rebeldia de Hae-jin fora assistir a um filme com qualificação adulta antes de completar o ensino médio. E mesmo nesse caso, ele pedira permissão a mamãe e me convidara para ir junto.

Eu abri a porta da sala e olhei o vestíbulo. Quatro pares de sapatos estavam enfileirados. Os chinelos de mamãe, os chinelos de Hae-jin, os tênis brancos dela, e meus próprios tênis de corrida, sujos de lama. Isso era estranho. Eu jamais deixava meus tênis no vestíbulo. Costumava guardá-los no banheiro e só os tirava de lá antes de escapular pelo terraço. Se os tênis estavam aqui, era sinal de que eu *tinha entrado* pela porta da frente.

Outra coisa estranha: os tênis de mamãe também estavam molhados. Completamente molhados, aliás — como se alguém os tivesse enfiado dentro de um tanque. Recordei o momento em que retornara da festa com os professores. Quando encontrei mamãe junto à porta, ela estava usando esses tênis. Será que já estavam molhados? Não conseguia lembrar. Mas minha mãe não é o tipo de pessoa que sai de casa com calçados úmidos. A única explicação é que tivesse saído de casa após minha chegada. Para molhar os tênis daquele jeito, teria de ter saído sem carro, a pé, debaixo de chuva.

Fechei a porta do vestíbulo e dei meia-volta. Avistei minha jaqueta preta impermeável Gore-tex e meu colete dobrados num canto. Eram as roupas que eu tinha usado por cima do suéter ontem à noite. Por que estavam aqui? Isso era tão estranho quanto os tênis encharcados.

Formei um outro roteiro em minha cabeça. Ao chegar em casa, ouço mamãe gritando. Corro pela entrada da frente. Encontro-a perto da cozinha, sangrando. Então, tiro a jaqueta e o colete e os ajeito cuidadosamente ao lado da porta... Não, isso

não fazia o menor sentido. Nada do que eu vi desde que abri os olhos fazia sentido, mas essa ideia era a mais absurda de todas.

Estava me abaixando para pegar a jaqueta quando escutei “Hakuna matata”, a música do Rei Leão. Mamãe havia recentemente colocado esse toque no celular. O som vinha de algum lugar perto do sofá da sala.

Corri até lá, jaqueta à mão. Logo achei o celular na ponta da mesa. Não o havia notado ali ao ligar para a polícia. Na tela apagada, um nome inesperado: *Hye-won*. Por que tia havia ligado tão cedo? E justo hoje?

O celular tocou mais cinco, seis vezes e parou. Então, foi o telefone sem fio que começou a tocar. Tinha de ser minha tia, de novo. A hora registrada na tela do telefone fixo era 6h54. Hae-jin e a tia fizeram a mesma coisa com intervalo de uma hora e meia. Será que mamãe também havia telefonado para tia ontem à noite?

Em busca de resposta, peguei o celular de mamãe. Desbloquear a tela não foi problema. Eu sabia tanto sobre ela quanto ela sabia sobre mim. Verifiquei que mamãe tentara ligar para Hae-jin à 1h30; mas ele não atendera. Telefonara para tia um minuto depois. A ligação havia durado cerca de três minutos. Isso significava que a minha mãe ainda estava viva à 1h34, pelo menos.

Tentei recapitular os fatos da noite passada. Recuei mentalmente até a última coisa que recordava com clareza: o momento em que andava pela passarela do quebra-mar e avistei uma mulher descendo do último ônibus para An-san. A distância de lá até em casa era um pouco mais que dois quilômetros. Vinte minutos, caminhando. Quinze, se alternasse entre caminhada e corrida. Ou dez, correndo sem parar. Lembro-me de vir correndo, então devo ter passado pela entrada do condomínio à 00h10. Contando o tempo de subir as escadas, teria entrado em casa à 00h15. Mesmo que viesse andando, chegaria no máximo à 00h30.

Então eu havia entrado em casa por volta da 00h30, e minha mãe foi morta depois da 1h34, entre a cozinha e as escadas.

A minha cabeça ficou confusa. Era impossível chegar a qualquer conclusão. Parei de pensar no possível invasor. Talvez faltasse uma peça, algo que me escapara desde o início, e que faria com que tudo ganhasse sentido.

Com a jaqueta e o celular nas mãos, voltei à poça vermelha onde jazia mamãe. Lá estava ela, como se me esperasse, parecendo adormecida... De repente, um detalhe que até então ignorara saltou aos meus olhos. A postura de minha mãe não era natural para alguém que fora assassinado. Uma pessoa que teve a garganta cortada e tombou com sangue jorrando não teria tempo de soltar o cabelo, juntar as duas mãos no peito e morrer deitada, perfeitamente reta.

Notei então outras minúcias que me haviam escapado. Olhando novamente os degraus, vi que algumas marcas de sangue estavam esparramadas, como se alguém tivesse arrastado um objeto pesado pelas escadas. Como o cadáver de mamãe, por exemplo. Junto aos rastros de sangue, havia pegadas apontando em ambas as direções: para cima e para baixo. Nova teoria surgiu em minha cabeça. Mamãe fora morta no patamar da escada, depois alguém a arrastou até o andar de baixo e a deixou naquela estranha posição.

Mas por que o assassino faria isso? E quem a havia matado? Se não foi um invasor, nem Hae-jin, só restava uma pessoa... A resposta me deixou apavorado. Olhei o cadáver, balancei a cabeça, lembrei o que a vizinha me dissera: *Dá na mesma dizer que ela cortou a própria garganta.*

Pode ter acontecido isso mesmo, eu pensei. Por algum motivo ela corta a própria garganta no patamar da escada. Por algum motivo não consigo detê-la. A convulsão está prestes a estourar, mal consigo me mexer. Mamãe desaba e escorrega pelos degraus. Desço as escadas e coloco seu corpo na posição em que se encontra agora. A última coisa que consigo fazer antes que a convulsão comece. Por que eu a teria colocado naquela postura? Talvez por que já estivesse com a mente confusa. Talvez tenha ajeitado seu corpo com todo cuidado para em seguida lhe dar o costumeiro boa-noite.